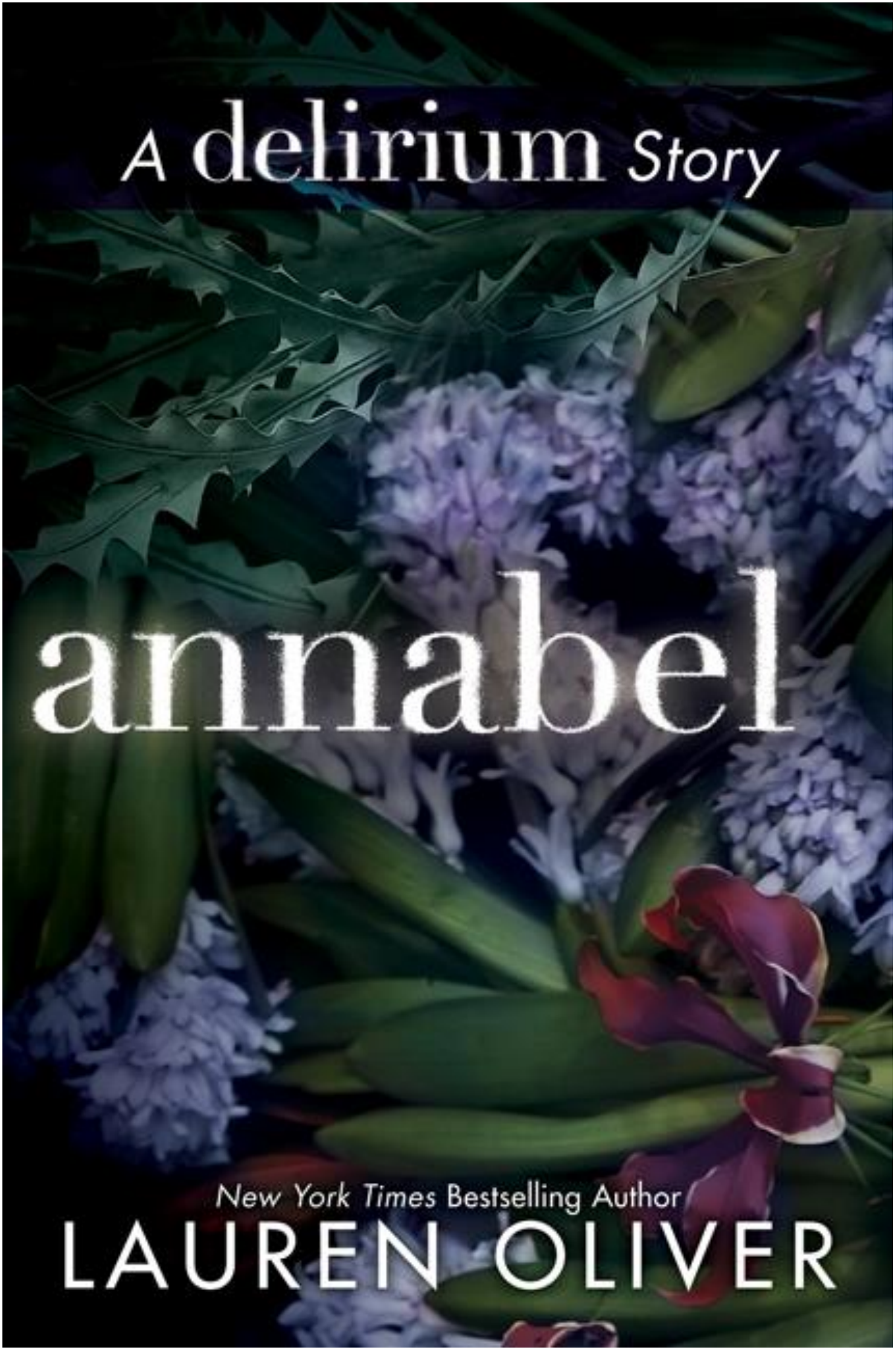

A delirium Story
annabel
New York Times Bestselling Author
LAUREN OLIVER



créditos

tradução e revisão:

Grupo Shadows Secrets

sinopse

A mãe de Lena, Annabel, sempre foi um mistério—um fantasma no passado de Lena. Até agora.

A mãe de Lena Halloway, Annabel, supostamente cometeu suicídio quando Lena tinha apenas seis anos de idade. Está é a mentira em que Lena cresceu acreditando, mas a verdade é muito diferente. Quando era uma adolescente rebelde, Annabel fugiu de casa, direto para o homem com quem ela sabia que estava destinada a se casar. O mundo era diferente, então—os regulamentos não tão rigorosos, a cura com apenas uma década de criação. Avance para o presente, e Annabel é despachada para uma cela de prisão suja, onde ela alimenta sua esperança de escapar e arranha uma palavra várias e várias vezes nas paredes: Amor.

Mas Annabel, como Lena, é uma lutadora. Através de capítulos que alternam entre seu passado e presente, Annabel revela a história por trás de suas curas fracassadas, seu casamento, o nascimento de suas filhas, sua prisão, e, por fim, sua ousada fuga.

agora

Quando eu era garota, nevou por um verão inteiro.

Todos os dias, o sol nasceu manchado atrás de um céu cinza-fumaça e pairou por trás de sua neblina. De noitinha, ele afundou laranja e derrotado, como as brasas de uma chama se extinguindo.

E os flocos caíam e caíam—não frios ao toque, mas com sua própria queima peculiar—enquanto o vento trouxe cheiro de queimado.

Todas as noites, meus pais nos sentavam para assistirmos as notícias. Todas as imagens eram as mesmas: cidades ordenadamente evacuadas, cidades fechadas, gratos cidadãos acenando das janelas de grandes, brilhantes ônibus enquanto eram levados para um novo futuro, uma vida de perfeita felicidade. Uma vida de ausência de dor.

"Vê?" minha mãe diria, sorrindo para minha irmã Carol, por sua vez. "Nós vivemos no melhor país do mundo. Percebe como nós somos sortudos?"

E ainda as cinzas continuaram caindo, e o cheiro de morte veio pelas janelas, rastejou sob a porta, penduradas em nossos tapetes e cortinas, e gritou de sua mentira.

É possível falar a verdade em uma sociedade de mentiras? Ou você deve sempre, necessariamente, se tornar um mentiroso? E se você mentir para um mentiroso, o pecado é, de alguma forma, sem efeito ou invertido?

Esses são tipos de perguntas que eu me faço agora: nessas escuras e lacrimosas horas, quando noite e dia são trocáveis.

Não. Não é verdade. Durante o dia os guardas vêm, para entregar comida e levar o balde; e à noite os outros gemem e gritam.

Esses são os sortudos. Eles são os que ainda acreditam que o som, que a voz, vai fazer algum bem. O resto de nós sabe melhor, e aprendeu a viver em silêncio. Eu me pergunto o que Lena está fazendo agora. Eu sempre me pergunto o que Lena está fazendo. Rachel também: ambas minhas garotas, minhas lindas garotas de olhos grandes. Mas eu me preocupo menos com Rachel. Rachel sempre foi mais durona que Lena, de alguma forma. Mais desafiadora, mais teimosa, menos sentimental. Mesmo quando garota ela me assustava—feroz, com olhos impetuosos e com um temperamento como o do meu pai foi um dia.

Mas Lena... querida Lena, com seu emaranhado de cabelos escuros e suas coradas bochechas rechonchudas. Ela costumava resgatar aranhas da calçada para elas não serem esmagadas; quieta, pensativa Lena, a sua mais doce pronúncia com a língua presa, de partir o coração. De partir meu coração: meu selvagem, incurável, excêntrico, incompreensível coração. Eu me pergunto se os seus dentes da frente ainda se sobrepõem; se ela ainda confunde as palavras caneca e caneta ocasionalmente; se seu fino cabelo castanho cresceu liso e longo ou começou a cachear. Eu me pergunto se ela acredita nas mentiras que eles lhe contaram.

Eu também sou uma mentirosa agora. Eu me tornei uma, inevitavelmente. Eu minto quando eu sorrio e devolvo uma bandeja vazia. Eu minto quando peço o Manual de SSF, fingindo ter me arrependido.

Eu minto só por estar aqui, na minha cama estreita, no escuro.

Em breve, isso vai ter um fim. Em breve, eu vou escapar.

E então as mentiras vão acabar.

antes

A primeira vez que eu vi o pai de Lena e Rachel eu soube: soube que eu iria me casar com ele, soube que eu iria me apaixonar por ele. Soube que ele nunca iria me amar de volta, e soube que eu não me importaria.

Me imagine: dezessete anos, magra, assustada. Vestindo jaqueta surrada muito grande, que eu tinha comprado em um brechó, e um cachecol tricotado a mão, nem de longe quente o suficiente para me proteger do vento gelado de Dezembro que veio uivando através do Rio Charles, soprou a neve para a rua lateral, tirando toda a cor das pessoas nas ruas que então andavam, brancas como fantasmas, de cabeças baixas contra a fúria do vento.

Aquela foi a noite em que Misha me levou para ver o primo de um amigo de um amigo, Rawls, que dirigia uma Loja de Cérebro na nona avenida.

Era assim que nós chamávamos os sombrios centros que surgiram na década depois que a cura se tornou lei: Loja de Cérebro. Alguns deles fingiram ser ao menos meio legítimos, com salas de espera como em um consultório médico normal, e mesas para descansar. Em outros, era apenas um cara com uma faca pronto para pegar seu dinheiro e te dar uma cicatriz, esperançosamente uma que parecesse realista o suficiente.

A loja do Rawls era do segundo tipo. Um quarto de porão baixo, pintado de preto por Deus sabe que motivo; um sofá de couro flácido, uma TV pequena, uma cadeira com assento duro de madeira, e um aquecedor—e era basicamente isso, exceto pelo cheiro de sangue, alguns baldes, e uma pequena área cortinada onde ele efetivamente fazia seu trabalho.

Eu me lembro que quase vomitei ao chegar, de tão nervosa. Um casal de jovens estava à minha frente. Não tinha espaço no sofá, e eu tive que ficar em pé. Eu me mantinha pensando que as paredes estavam se contraindo; eu estava aterrorizada que elas iriam cair totalmente, nos enterrando lá.

Eu tinha fugido de casa quase um mês mais cedo e naquele tempo estive batalhando e guardando dinheiro para a falsificação.

Naqueles dias era fácil viajar; uma década depois de a Cura ser aperfeiçoada, as paredes ainda estavam se levantando, e o regulamento não era tão severo. Entretanto, eu nunca tinha estado a mais de vinte milhas de casa, e passei praticamente toda a viagem de ônibus até Boston com meu nariz pressionado contra a janela, assistindo o borrão sombrio das árvores de inverno morrendo à mingua e as trementes paisagens e torres de guarda,

novas e em construção—ou no banheiro, doente dos nervos, tentando segurar meu folego contra o forte fedor de xixi.

O último voo comercial: foi o que eu assisti na TV, na loja do Rawls, enquanto eu esperava minha vez. As equipes de reportagem arrumando a pista, o ronco do avião na faixa, e a decolagem: uma decolagem impossível, como um pássaro, tão lindo e fácil que fez você querer chorar. Eu nunca tinha estado em um avião, e eu nunca estaria. As pistas de pouso seriam desmontadas e os aeroportos abandonados. Muito pouco combustível, muito risco de contágio.

Eu lembro que meu coração estava na garganta e eu não podia olhar para longe da TV, da imagem do avião que se transformava, ficava menor, se tornando um pequeno pássaro preto contra as nuvens.

Foi aí que eles vieram: soldados, jovens recrutas, recém-saídos do campo de treino. Uniformes frescos e novos, botas brilhando como óleo. As pessoas estavam tentando correr para a saída dos fundos e todos estavam gritando. As cortinas foram removidas; eu vi uma frágil mesa dobrável coberta por uma folha, e uma garota estendida nela, sangrando pelo pescoço. Rawls devia estar na metade do procedimento dela. Eu queria ajudá-la, mas não havia tempo.

A porta dos fundos foi aberta, e eu consegui sair em para beco escorregadio com o gelo, amontoado com neve suja e lixo. Eu caí, cortei minha mão no gelo, continuei indo. Eu sabia que se fosse pega, aquele seria o fim—eu seria levada de volta para meus pais, jogada nos laboratórios, provavelmente classificada como zero. Aquele foi o primeiro ano que o sistema nacional de classificação foi estabelecido, feito consistente através do país. Emparelhamento estava decolando. Conselhos reguladores foram surgindo em todo lugar, e pequenas crianças falavam sobre se tornarem avaliadores quando crescessem.

E ninguém iria escolher a garota com o registro.

Foi na esquina da Linden com a Adams que eu o vi. Corri para ele, na verdade—o vi parar na minha frente, mãos levantadas, gritando, "Espere!" Tentei me esquivar, perdi o equilíbrio, tropecei diretamente em seus braços. Eu estava tão perto que pude ver a neve presa em seus cílios, sentir o cheiro da lã molhada em seu casaco e a aspereza da sua loção pós-barba, vista onde ele tinha deixado a barba por fazer no queixo. Tão perto que a cicatriz do procedimento em seu pescoço parecia uma estrela branca minúscula.

Eu nunca tinha estado tão perto de um garoto antes.

Os soldados atrás de mim ainda estavam gritando—"Pare!" e "Segure-a"! e "Não a deixe escapar!" Eu nunca vou esquecer a forma que ele me olhou—curiosamente, quase divertido, como se eu fosse uma espécie estranha de animal em um zoológico.

Então: Ele me soltou.

agora

O broche em forma de punhal é tudo que me resta. Ele é meu conforto e dor, ambos, porque me lembra de tudo que eu tive e foi tomado de mim.

Ele é minha caneta, também. Com ele, eu escrevo minha história, de novo e de novo, nas paredes. Assim eu não a esqueço. Assim ela se torna real.

Eu penso: nas mãos do Conrad, no cabelo escuro de Rachel, a boca de botão de rosa de Lena, como quando ela era criança e eu costumava esgueirar-me em seu quarto e segurá-la enquanto ela dormia. Rachel nunca me deixou fazer isso—desde o nascimento, ela gritava, chutava, e teria acordado a casa e a rua.

Mas Lena ficava imóvel e quente nos meus braços, submersa em alguma terra do sonho secreta.

E ela era meu segredo: aquelas horas da noite, aquele espaço de batimentos duplos, a escuridão, a felicidade.

Tudo isso, eu escrevo.

E então a verdade me libertará.

Meu quarto é cheio de buracos. Buracos onde as pedras ficam cada vez mais porosas, comidas pela umidade. Buracos onde os ratos fazem suas casas. Buracos de memórias, onde as pessoas e coisas se perdem.

Tem um buraco no fundo do meu colchão.

E na parede atrás da minha cama, outro buraco, crescendo a cada dia.

Na quarta sexta-feira de cada mês, Thomas me traz uma muda de forros para a cama estreita. O dia da lavanderia é o meu favorito. Ajuda-me a manter a contagem dos dias. E pelas poucas primeiras noites, antes do novo lençol ficar sujo com suor e sedimentos de poeira que caem em mim constantemente como neve, eu me sinto quase humana novamente. Eu posso fechar meus olhos, imaginar que estou de volta no calor da casa antiga, com a madeira e o sol, o cheiro de detergente, uma canção ilegal sibilando suavemente no antigo toca discos.

E, é claro, o dia da lavanderia é quando eu recebo minhas mensagens.

Hoje eu estou acordada antes do sol. Minha cela não tem janelas, e por anos eu não poderia diferenciar o dia da noite, a manhã da tarde: uma existência sem cor, uma época

sem envelhecimento ou fim. No primeiro ano do meu aprisionamento, eu não fiz nada além de sonhar com o exterior—o sol no cabelo da Lena, pisos de madeira quente, o cheiro da praia na maré baixa, nuvens de chuva inchadas.

Com o tempo até os meus sonhos se tornaram cinza e sem textura.

Aqueles foram os anos que eu queria morrer.

Quando eu rompi a parede pela primeira vez depois de três anos de escavações, torcendo, esculpindo a pedra branda com um pedaço de metal não mais largo que o dedo de uma criança—quando aquele último pedaço de rocha desmoronou e saiu girando, caindo no rio abaixo—meu primeiro pensamento não foi nem sobre escapar, mas sobre o ar, sol, respiração. Eu dormi por duas noites no chão, para poder sentir o vento, para inalar o cheiro da neve.

Hoje eu tirei o único lençol e o cobertor grosso da minha cama—lã no inverno, algodão no verão—que é padrão na Ala Seis. Sem travesseiros. Eu ouvi uma vez o guarda dizer que um prisioneiro tentou se sufocar aqui, e desde então, travesseiros tem sido proibidos. Parece improvável, mas então de novo: dois anos atrás um prisioneiro conseguiu se apossar de um cadarço de um guarda e se sufocou até a morte na estrutura metálica da sua cama.

Eu estou no fim da ala, então como sempre, eu tenho que ouvir o resto do ritual: o rangido das portas abrindo, o ocasional choro ou lamento, o chiar do sapato do Thomas e então o baque pesado, o click, das portas das celas se fechando de novo. Esse é meu único entusiasmo, meu único prazer: esperar pela roupa limpa, mantendo o lençol sujo enrolado no meu colo, coração palpitando como uma mariposa na minha garganta, pensando, *talvez, talvez dessa vez...*

Incrível como a esperança vive. Sem ar ou água, com praticamente nada para nutri-la.

O ferrolho deslizou para trás. Um segundo depois, as portas rangeram abertas e Thomas apareceu, carregando um lençol dobrado. Eu não tenho visto meu reflexo por onze anos—desde que eu cheguei e sentei na ala médica enquanto uma guarda mulher cortou todo o meu cabelo e raspou minha cabeça com uma navalha, me dizendo que era para o meu próprio bem—assim os piolhos ficariam longe.

Meu banho mensal acontece em uma sala sem janela e sem espelho, uma caixa de pedra com vários chuveiros enferrujados e sem água quente, e agora quando minha cabeça precisar ser aparada, a guarda vem até mim, e eu sou amarrada e trancada em uma algema pesada de metal na porta enquanto ela trabalha.

É por assistir Thomas, por ver o modo como os anos fizeram sua pele flácida e inchada, rugas esculpindo o canto dos seus olhos, seu ralo cabelo, que eu posso calcular o que eles fizeram comigo.

Ele me passa o novo lençol e remove o meu sujo. Ele não diz nada. Ele nunca diz, não em voz alta. É muito arriscado. Mas por um segundo seus olhos encontram os meus e alguma comunicação se passa entre nós.

Então acaba. Ele se vira e sai. A porta range e o ferrolho volta para o lugar.

Eu me levanto e vou para a cama. Minhas mãos estão tremendo enquanto eu desdobro o lençol. Dentro está uma fronha, cuidadosamente escondida, sem dúvida contrabandeada das outras alas.

O tempo é realmente apenas um teste de paciência. Assim é como acontece, como tem acontecido por anos: uma fronha ao mês, ocasionalmente um cobertor extra. Lençóis que se perdem e não são procurados, lençóis que podem ser rasgados, torcidos, trançados juntos.

Eu procuro dentro da fronha. Na parte mais funda está um pequeno pedaço de papel, também cuidadosamente dobrado, contendo as únicas instruções de Thomas: Ainda não.

Meu desapontamento é psicológico: um gosto amargo, uma sensação líquida no meu estômago. Outro mês para esperar. Eu sei que eu deveria estar aliviada—a corda que eu tenho feito é ainda muito pequena, e vai me deixar a dez pés de queda do Rio Presumpscot. Mais chances de escorregar, torcer ou quebrar alguma coisa, gritar.

E eu absolutamente não posso gritar.

Para deixar de pensar muito sobre a espera a minha frente, outros trinta dias nesse lugar sem ar, escuro—outros trinta dias mais perto da morte—eu desço minhas mãos até os joelhos e manejo sob a cama, sentindo o buraco no colchão, tão grande quanto um punho. Ao longo de um ano, eu estive jogando fora punhados de espuma e enchimento, tudo disposto no penico de metal onde eu urino e defeco, quando a gripe faz a todos ficarem doentes.

Eu envolvo minha mão em torno de um rolo de algodão e puxo; polegada por polegada, todos aqueles lençóis roubados são revelados, rasgados e trançados, feitos fortes para aguentar o meu peso. Mas agora a corda está com quase quarenta pés de comprimento.

Eu passo o resto da tarde fazendo furos cuidadosos, usando a ponta do broche de punhal, agora cego e quase sem uso, para empurrar e rasgar furos no tecido. Nenhum motivo para ter pressa.

Não tem nenhum lugar para ir, nada mais para fazer.

Quando eu recebo minha ração diária no jantar, eu já tinha terminado o trabalho. Eu devolvi a corda ao seu lugar escondido, empurrando, trabalhando pela abertura: um nascimento reverso. Quando eu terminei, comi a comida sem sentir o gosto, o que é

provavelmente uma benção. Então eu deitei na minha estreita cama até as luzes serem abruptamente apagadas.

Um choramingado abrupto começa, o murmuro e o grito ocasional de alguém preso em um pesadelo, ou, talvez, acordando de um sonho agradável. Estranhamente, eu aprendi a achar os sons noturnos quase reconfortantes.

Eventualmente, minha mente me traz lembranças de Lena, e então visões do mar; enfim, eu durmo.

antes

Não havia resistência na época; ainda não havia a percepção de que nós precisávamos resistir. Havia promessas de paz e felicidade, um alívio da instabilidade e confusão. Um caminho e um lugar para todos. Uma forma de saber, sempre, que seu caminho era o certo. As pessoas estavam se reunindo para obter a cura da forma que uma vez elas se reuniram às igrejas. As ruas estavam preparadas com sinais apontando o caminho para um futuro melhor. Um banco central; empregos e casamentos arranjados para caber como luvas.

E uma vida designada a sufocar lentamente.

Mas havia um submundo: Lojas de Cérebro, alguém que conhecia alguém que poderia conseguir para você uma identidade falsa pelo preço certo; outra pessoa que poderia conseguir uma passagem intermunicipal de ônibus; outro alguém que alugava um espaço no porão para quem quisesse desaparecer.

Em Boston eu fiquei no porão de um velho casal chamado Wallace. Eles não estavam curados; eles perderam o limite da idade, mesmo quando o processo se tornou obrigatório, e foram permitidos morrer em paz, com amor. Ou teriam sido permitidos—eu ouvi vários anos depois que eles haviam sido presos por abrigar fugitivos, pessoas que estavam fugindo da cura, e passaram os últimos anos das suas vidas na cadeia.

Um caminho e um lugar para todos, e para aqueles que discordarem, uma cova.

Eu nunca deveria ter roubado a carteira dele. Mas esse é o problema com o amor—ele age sobre você, funciona através de você, resiste às suas tentativas de controle. Isso foi o que o tornou tão assustador para os legisladores: Amor não obedece nenhuma lei além da dele própria.

Isso é o que tem o feito sempre assustador.

O porão era acessível apenas através de um beco estreito que corria entre a casa dos Wallace e seus vizinhos; a porta estava escondida atrás de uma pilha de lixo que tinha que ser cuidadosamente movida cada vez que entrávamos ou saíamos. Embaixo de um lance íngreme de escadas estava uma grande sala inacabada: colchões no piso, uma mistura selvagem de revestimentos e um pequeno banheiro e pia, feitos semiprivados atrás de um biombo. O teto era atravessado por canos de metal, tubos plásticos e fios, de modo que parecia o intestino de alguém pregado acima de nós. Ele era feio, congelante, cheirava como pés sujos, e eu o adorei. No meu curto tempo lá, fiz dois bons amigos: Misha, que

me levou a Rawls e que estava tentando me conseguir documentos falsos também; e Steff, que me ensinou a bater carteiras e me mostrou todos os melhores lugares para fazer isso.

Assim foi como eu soube o nome do homem que eu iria um dia me casar: eu roubei sua carteira. O toque ligeiro, minhas mãos através de seu peito, o momentâneo contato foi tempo o suficiente para senti-la em sua jaqueta, colocá-la no meu bolso e correr.

Eu deveria ter deixado a carteira e ficado com o dinheiro, como Steff tinha me ensinado a fazer. Mas, mesmo então, o amor foi trabalhando em mim, fazendo-me estúpida, curiosa e descuidada. Ao invés disso, levei sua carteira comigo e espalhei seu conteúdo cuidadosamente, avidamente, sobre meu colchão, como um joalheiro inclinado sobre diamantes. Um cartão de identificação do governo, antigo, impresso com o nome Conrad Haloway. Um cartão de crédito, gold, emitido pelo Banco Nacional. Um cartão fidelidade do Boston Bean, carimbado três vezes. Uma cópia do seu certificado médico; ele tinha sido curado seis meses atrás. Quarenta e três dólares, que era uma fortuna para mim.

E, escondido dentro de uma aba de cartão de crédito vazia, distorcendo o couro ligeiramente: um broche de punhal, do tamanho de um dedo de criança.

agora

Três dias depois de Thomas me trazer o bilhete me dizendo para esperar, ele volta. Dessa vez sem carregar nada. Ele simplesmente desliza a porta aberta, entra na minha cela, me algema e me levanta.

"Vamos," ele diz.

"Vamos para onde?" eu pergunto.

"Não faça perguntas." Ele fala alto, sem dúvidas que os outros prisioneiros vão ouvir. Ele me empurra pela porta a fora, no corredor estreito que passa entre as celas. Acima de nós, as câmeras postas no teto de pedra piscam como pequenos olhos vermelhos.

Thomas agarra meus pulsos e me impulsiona para frente. Meus ombros queimam. Eu tenho um flash momentâneo de medo: Eu sou tão fraca. Como vou fazer isso por mim mesma, nas Terras Selvagens?

"O que eu fiz?" Pergunto a ele.

"Respira," ele responde. Ele faz uma boa atuação. "Eu não disse para você não fazer perguntas?" Em uma extremidade do corredor é a saída para as outras alas e, na outra é o Tank. O Tank é apenas uma cela não utilizada, mas muito menor do que as outras e equipada com nada além de uma algema de metal enferrujada pendurada no teto. Se os residentes da Ala Seis são muito barulhentos, se eles dão trabalho, eles são amarrados à algema de metal e chicoteados, são submetidos à mangueira, ou simplesmente jogados lá sentados por dias na escuridão, se sujando quando eles precisam ir. Mas a mangueira é o pior: água gelada, emergindo com tanta força que tira seu folego, deixando-o denegrido e machucado.

Thomas faz tudo exatamente como ele deveria. Ele me algema no teto e, por um momento, enquanto ele alcança acima da minha cabeça, estamos tão perto que eu posso cheirar seu hálito de café.

Eu sinto uma profunda dor no meu estômago, uma dor súbita e violenta; Thomas, apesar de todos os riscos que está tomando, ainda pertence ao outro-mundo, de paradas de ônibus e lojas de conveniência e amanheceres no horizonte; de dias de verão e chuvas e fogueiras no inverno.

Por um momento, eu o odeio.

Uma vez que ele tranca a porta, ele se vira para mim.

"Nós não temos muito tempo, então me escute com atenção," ele diz. E apenas assim, meu ódio evapora, e é substituído por uma agitação de sentimentos. Magro Thomas, o garoto que eu costumava ver algumas vezes andando ao redor da casa, com o cuidado de fingir estar lendo. Como ele se tornou esse rechonchudo homem de rosto duro, com linhas gravadas profundamente em seu rosto?

Isso é o que o tempo faz: Ficamos teimosamente como rochas, enquanto ele flui tudo em torno de nós, acreditando que somos imutáveis—e a todo tempo estamos sendo esculpidos, e moldados, e talhados.

"Isso vai acontecer em breve. Já esta semana. Você está pronta?"

Minha boca está seca. A corda ainda é sete pés muito curta. Mas eu assinto. Eu posso fazer a queda, e com um pouco de sorte, eu vou bater em um lugar fundo na água.

"Você vai para o norte do rio, em seguida, leste quando você bater na estrada antiga. Haverá olheiros procurando por você. Eles vão cuidar de você. Entendeu?"

"Norte do rio," eu digo. "Então leste."

Ele acena, ele parece quase arrependido, e eu posso dizer que ele pensa que eu não vou conseguir. "Boa sorte, Annabel."

"Obrigada," eu digo. "Eu nunca vou poder te retribuir..."

Ele balança a cabeça. "Não me agradeça." Por um segundo nós ficamos lá, encarando um ao outro. Eu tento vê-lo como ele foi uma vez: o garoto que Rachel amou. Mas eu dificilmente posso me lembrar de Rachel, agora, como ela estava da última vez que eu a vi. Estranhamente, eu consigo mais facilmente imaginá-la como uma garota, sempre um pouco mandona, sempre demandando saber por que ela não podia se levantar, qual era o ponto em comer vagem e se ela não quisesse ser pareada, afinal?

E quando Lena chegou, ela mandava nela, também; Lena trotava atrás dela como um cachorrinho, olhos amplos, observando, seu gordo polegar preso em sua boca.

Minhas garotas. Eu sei que nunca mais vou vê-las. Pela própria segurança delas, eu não posso.

Mas existe uma pequena, teimosa, parte minha que ainda tem esperança.

Thomas pega a mangueira enrolada no canto. "Eu disse que você precisava ser punida, para que pudéssemos conversar", diz ele. Ele parece quase doente quando ele vira o bico para mim.

Meu estômago revira. A última vez que passei por isso foi há anos atrás. Eu quebrei uma costela, e por semanas tive uma febre de mais de trinta e oito graus, flutuando dentro e fora de vívidos sonhos de fogo, e os rostos gritando para mim através da fumaça. Mas eu assinto.

"Eu vou fazer isso rápido," diz ele. Seus olhos dizem: Eu sinto muito.

Então ele liga a água.

antes

A garota por trás do aparelho registrador estava me dando um olhar de peixe.

"Você não tem nenhuma identidade?" ela disse.

"Eu te disse, eu a deixei em casa." Eu estava começando a ficar impaciente. Eu estava com fome—eu estava sempre com fome na época—e eu não gostei da forma como a garota estava olhando para mim, com seus grandes olhos de besouro e os pedaços de gaze no seu pescoço, quase mostrando o procedimento, como se ela fosse algum herói de guerra e esse fosse seu ferimento para prová-lo.

"Haloway é seu par ou algo assim?" Ela virou o cartão de crédito dele em suas mãos, como se ela nunca tivesse visto um.

"Marido," eu atirei. Ela levou seus olhos ao lugar onde minha cicatriz processual deveria estar, mas eu tinha cuidadosamente penteado meu cabelo para frente e posto um chapéu de lã para baixo sobre minhas orelhas, então meu pescoço inteiro estava escondido.

Eu mudei meu peso, então percebi que estava me remexendo muito.

Cenário: Mercado IGA na Dorchester, três dias depois de eu ter batido a carteira de Rawls.

Amontoado sobre a correia transportadora entre nós, a fonte de toda a tensão: uma lata de chocolate quente instantâneo, dois pacotes de macarrão secos, protetor labial, desodorante, um saco de batatas fritas. O ar tinha cheiro fermentado de mofo e após os ventos brutais das ruas, a loja parecia quente como um deserto, e seco como um.

Por que eu usei o cartão dele? Até hoje, eu não sei. Eu não sei se eu estava ficando muito confiante, ou se, só por um momento eu queria fingir: fingir que eu não estava em uma corrida, fingir que eu não estava ocupando ilegalmente um porão inacabado com outras seis garotas, fingir que eu tinha uma casa e um lugar e um par, assim como ela tinha, assim como todos deveriam ter.

Talvez eu já estivesse um pouco cansada da liberdade.

"Nós não devemos aceitar cartões sem uma ID," ela disse depois de um longo minuto.

Eu nunca vou esquecê-la: aquela franja negra, os olhos indiferentes, lisos, como mármore. "Se você quiser, eu posso ligar para o gerente." Ela disse, como se estivesse me fazendo um favor.

Sinos de alarme soaram na minha cabeça.

Gerente significa autoridade que significa problema.

"Sabe o que mais? Esqueça."

Mas ela já tinha se virado ao redor. "Tony! Ei, Tony! Alguém sabe onde Tony foi?" Então ela se volta para mim, exasperada. "Me dê um segundo, ok?"

Foi então: uma decisão em frações de segundo, o momento em que ela deixou a caixa registradora e foi procurar por Tony—trinta, talvez quarenta segundos de vantagem. Sem pensar, eu enfiei o protetor labial no meu bolso, empurrei os pacotes de macarrão dentro minha jaqueta, e fui embora. Eu estava a poucos pés da porta quando a ouvi gritando. Tão perto da rua, da explosão de ar frio e das pessoas empacotados e irreconhecíveis. Três pés, depois dois...

Um guarda de segurança se materializou na minha frente. Ele me segurou pelos ombros. Ele cheirava a cerveja. "Parada," ele disse "Onde você pensa que vai, mocinha?"

Dentro de dois dias, eu estava em um ônibus de volta a Portland. Dessa vez minha irmã Carol estava comigo—e, para segurança extra, um membro da Comissão de Regulamentação Juvenil, um cara magro de 19 anos de idade com um rosto cheio de espinhas, cabelos como um tufo de grama do mar e um anel de casamento.

Eu sabia que Carol não conseguiria ficar calada por muito tempo—ela nunca conseguiu—e assim que nós saímos do terminal de ônibus, ela me rondou.

"O que você fez foi egoísta," ela disse.

Carol tinha apenas dezesseis na época—nós nascemos com quase exatamente um ano de diferença—mas, mesmo então ela teria passado por quarenta. Ela carregava uma bolsa, uma bolsa de verdade, luvas de couro vermelhas, botas pretas de bico quadrado, e jeans que ela passou. Seu rosto era mais estreito que o meu, e seu nariz era arrebitado, como se desaprovasse o resto das suas características e estivesse tentando se distinguir delas. "Você sabe quão preocupados Mamãe e Papai estão? E quão envergonhados?"

Minha mãe tinha sido uma das primeiras voluntárias para ser curada. Ela fez o procedimento antes mesmo do mandato federal. Depois de três décadas em um casamento com meu pai—que era charmoso e barulhento quando estava sóbrio, mau e barulhento quando estava bêbado, e um namorador quando quer que ele pudesse por suas mãos em uma mulher que dormiria com ele—ela tinha dado boas vindas à cura como um mendigo da boas vindas a comida, água e a promessa de calor. Ela intimou Papai ao procedimento também, e eu tenho que admitir, ele estava melhor depois dele. Mais calmo. Menos irritado. E ele dificilmente bebeu mais, também. Ele dificilmente fez mais alguma coisa, desde que ele tem tido sua vida controlada—a não ser sentar em frente da TV ou vadiar na

sua bancada no térreo, brincando com partes de máquinas velhas e equipamentos de rádio.

"Qual dos dois?" Eu soprei meu hálito na janela, desenhei uma estrela na condensação com meu dedo, então a limpei.

Carol franziu a testa. "O que?"

"Eles estão preocupados? Ou envergonhados?" Eu soprei de novo, e desenhei um coração dessa vez.

"Os dois." Carol alcançou rapidamente e desmanchou o coração. "Pare com isso." Um olhar de medo passou pelo rosto dela.

"Ninguém está olhando," eu disse. Eu encostei minha cabeça na janela, me sentindo de repente exausta. Eu estava indo para casa. Sem mais colisões com passageiros, procurando por alvos fáceis, sentindo uma mistura de vergonha e excitação quando funcionava. Não mais fazer xixi atrás de um biombo no meio da noite, tentando não acordar ninguém mais. Eu seria curada logo, provavelmente pelo fim da semana.

Uma pequena parte de mim estava contente. Há sempre alívio em desistir.

"Por que você tem que ser tão difícil?" Carol disse.

Eu me virei para olhá-la. Minha irmã caçula. Nós nunca fomos próximas. Eu tinha querido amá-la, de verdade. Mas ela tinha sido sempre diferente demais, cuidadosa demais, provável de falar, impossível de brincar.

"Não se preocupe," eu disse. "Eu não vou mais dar nenhum trabalho."

Eu dormi pela maior parte da viagem de volta a Portland, minhas mãos enfiadas na minha jaqueta, minha testa descansando contra a janela, a ID de Conrad Haloway em concha na minha palma direita.

agora

Eu tenho estado na Ala Seis por onze anos, com nada mais que velhas histórias, velhas palavras, como conforto. Riscando meu caminho pelos minutos que parecem como anos, e anos que tem passado por mim como areia, como desperdícios.

Mas agora, esperando por Thomas me dar o sinal, eu descubro que não tenho mais paciência sobrando.

Eu me lembro como era quando eu estava grávida de Lena. As últimas duas semanas pareceram mais longas que o resto dos meses juntos. Eu estava tão gorda e meus tornozelos tão inchados que gastava energia só para ficar de pé. Mas eu não conseguia dormir, não podia esperar, e nas horas sombrias, depois de Rachel e meu marido estarem dormindo, eu andava. Andei pelo quarto que logo seria dela de frente para trás: doze passos para frente, vinte na diagonal. Eu massageava meus pés no tapete. Eu segurei meu estomago, apertado como uma tigela, com ambas as mãos, e senti sua suave agitação, seus fracos batimentos cardíacos pulsando sob meus dedos como um tambor distante.

E eu falei com ela. Eu lhe contei histórias sobre quem eu tinha sido e quem eu tinha querido ser, sobre o mundo que ela estava para vir e o mundo que tinha vindo antes.

Eu me desculpei.

Eu me lembro de uma vez eu me virar e ver Conrad parado no vão da porta. Ele me encarou, e naquele momento a coisa sem palavras passou entre nós, a coisa que não era exatamente amor, mas era tão próximo que eu podia acreditar nisso algumas vezes—talvez um tipo de entendimento.

"Venha para cama, Bells," foi tudo que ele disse.

Agora eu descubro que tenho que andar também. Eu não posso me deitar de qualquer jeito: A mangueira deixou machucados nas minhas pernas e coluna, e mesmo o toque do lençol é doloroso. Eu mal posso me fazer comer, mas eu sei que devo. Quem sabe quanto tempo eu ficarei nas Terras Selvagens antes que os olheiros me acharem, ou se eles o vão de qualquer forma? Eu não tenho nada mais que um par de chinelos e um macacão de algodão. E a neve repousa em pesados montes ao longo do rio congelado; as árvores vão estar descobertas, os animais escondidos.

Se eu não puder encontrar ajuda, eu vou morrer dentro de dois, três dias. Melhor morrer lá fora, no entanto, no mundo que eu sempre amei—mesmo agora, depois de tudo que ele tem feito comigo.

Três dias se passam sem nenhuma palavra. Então um quarto e um quinto. O desapontamento é constante, sufocante. Quando o sexto dia passa sem sinal de Thomas, eu começo a perder a esperança. Talvez ele tenha sido descoberto. Outro dia se passa. Eu fico com raiva. Ele deve ter se esquecido de mim.

Meus machucados se tornam grandes explosões de improváveis cores, amarelos e verdes e roxos.

Eu não estou mais preocupada nem minhas contusões irritam. Toda minha esperança, a energia que eu tenho tirado dos pensamentos de escapar, me abandonam de uma vez. Eu perco até o desejo de andar.

Eu estou repleta de pensamentos sombrios: Thomas nunca teve a intenção de me ajudar. A fuga planejada, o trançar da corda, os olheiros—tudo isso tem sido um sonho, uma fantasia que tem me mantido seguindo em frente todos esses anos.

Eu fico na cama, não me incomodo em levantar, exceto quando tenho que me aliviar, e quando finalmente a bandeja do jantar é empurrada através da fenda estreita na porta.

Então eu congelo: Debaixo da pequena tigela de plástico cheia de macarrão cozido, em uma protuberância está um pequeno quadrado de papel. Outro bilhete.

Thomas escreveu em letras maiúsculas: Hoje à noite. Esteja pronta.

Meu estômago vai para minha garganta, e eu me preocupo que possa estar doente. De repente o pensamento de deixar essas paredes, essa cela, parece impossível. O que eu sei do mundo lá fora? O que eu sei sobre as Terras Selvagens e a resistência que sobrevive lá? Quando eu fui levada, eu tinha apenas começado meu envolvimento com o movimento. Um encontro aqui, um documento passado de mão em mão ali...

Eu tenho sonhado em escapar por onze anos, e agora, quando a hora finalmente chegou, eu sei que não estou pronta.

antes

Eu não sabia, no início, que a cura não tinha funcionado.

Instalada no meu velho quarto na casa dos meus pais, proibida de ver meus amigos, de sair da casa sem permissão e sem Carol como escolta, eu estava tão bem quanto morta. Indo da cama para o chuveiro, assistindo as mesmas notícias na TV, ouvindo a mesma música sibilando no rádio. Assim era como estar curada parecia: como estar em um aquário, circulando sempre dentro do mesmo vidro.

Eu fazia o que mandavam, ajudava meus pais com as tarefas, tinha requerido novamente a faculdade, já que minha admissão tinha sido reincidida uma vez que os fatos do meu tempo em Boston se tornaram públicos. Eu escrevi cartas de redenção: para incontáveis comitês, para funcionários públicos, para meus vizinhos, para burocratas sem rosto com longos títulos sem significados.

Aos poucos, eu ganhei de volta algumas liberdades.

Eu pude ir sozinha a loja. Eu pude ir à praia, também. Eu estava permitida de ver os meus velhos amigos, embora a maioria deles fosse proibida de me ver. E todo o tempo, o meu coração era como um martelo sem graça em meu peito.

Levou seis meses completos antes do Comitê de Avaliação de Portland, como era chamado, decidir que eu estava pronta para ser pareada. A Lei de Estabilidade do Casamento tinha acabado de ser aprovada, e o sistema estava na sua infância ainda. Eu me lembro que minha mãe e eu tivemos que ir ao COPE, o Centro de Organização, Pesquisa e Educação, para receber meus resultados e, pela primeira vez desde que eu retornei a Portland, eu estava cheia de alguma coisa como excitação. Exceto que era a do mau tipo, o tipo que revira seu estômago e faz sua própria saliva ter gosto de vômito.

Pavor.

Eu não me lembro de receber a pasta contendo meus resultados, mas eu sei que nós estávamos fora, no carro, antes que eu pudesse me fazer abri-los. Carol estava com a gente, no banco de trás. “Quem você pegou?” ela ficava perguntando. Mas eu não podia ler os nomes, não conseguia fazer as palavras ficarem na página. As letras continuavam flutuando, saindo das margens, e toda figura parecia uma coleção de formas abstratas. Por um minuto, eu pensei estar ficando louca.

Até eu alcançar meu oitavo par recomendado: Conrad Haloway. Então eu soube que estava ficando louca.

A foto era a mesma que ele tinha usado para sua identidade governamental—a qual eu ainda mantinha, colocada no fundo na gaveta de roupas íntimas, dentro de uma meia. Perto da foto estavam os fatos básicos da vida dele: onde ele tinha nascido, que escola ele tinha frequentado, suas notas, seu histórico de trabalho, detalhes sobre sua família, e um ranking de estabilidade psicológica e social.

Senti uma onda súbita, como se meu interior tivesse estado desligado, empoeirado e inútil nos últimos seis meses. Agora eles vieram todos ao mesmo tempo: o meu coração batendo em minha boca, peito apertado, espremendo os pulmões, espremendo.

"Este," eu disse, tentando manter minha voz firme. Eu apontei um dedo diretamente na testa entre os olhos. A imagem era em preto-e-branco, mas eu me lembrava deles perfeitamente: marrons claros, como avelã.

Minha mãe se inclinou sobre mim para olhar. "Ele é um pouco velho, não?"

"Ele acabou de se mudar para Portland," Eu disse. "Ele tem estado a serviço do corpo de engenharia. Trabalhando nos muros. Vê? É o que diz."

Minha mãe sorriu firmemente. "Bem, é sua escolha, é claro. "Ela estendeu a mão e me deu um tapinha sem jeito no joelho. Mesmo antes de sua cura, ela nunca tinha sido afetuosa; nunca ninguém tinha tocado em minha família, a menos que fosse meu pai balançando minha mãe quando estava bêbado. "Eu estou orgulhosa de você."

Carol se inclinou para frente do assento. "Ele não se *parece* com um engenheiro", foi tudo o que ela disse.

Virei o rosto para a janela. No caminho para casa eu repetia seu nome para mim mesmo como em um ritmo particular: Conrad, Conrad, Conrad. Minha música particular. Meu marido. Eu senti algo se estender dentro do meu peito. Seu nome me aqueceu. Ele se espalhou através da minha mente, todo o meu corpo, até que eu podia sentir as sílabas em meus dedos, e todo o caminho até os dedos dos pés. Conrad.

Foi quando eu soube, sem sombra de dúvida, que a cura não tinha funcionado.

agora

As luzes se apagam, e os barulhos noturnos começam na ala: os murmúrios e gemidos e gritos.

Eu me lembro de outros barulhos—os sons do exterior: o coaxar dos sapos, gutural e pesaroso; grilos cantando em acompanhamento. Lena como uma menina, suas palmas postas em concha cuidadosamente para segurar um vagalume, guinchando uma risada.

Eu vou reconhecer o mundo exterior?

Eu vou reconhecer Lena, se eu a vir?

Thomas disse que me daria o sinal. Mas pelo menos uma hora se passa com nada—nenhum sinal, nenhuma palavra mais. Minha boca está seca como pó.

Eu não estou pronta. Ainda não. Não esta noite. Meu batimento cardíaco é selvagem e irregular. Eu já estou suando e tremendo, também.

Eu mal posso ficar de pé.

Como eu vou correr?

Um choque passa por mim enquanto o sistema de alarme esperneia sem nenhum aviso: um estridente, contínuo uivo passa pelo andar de baixo, abafado pelas camadas de pedra e cimento. Portas batem com força, vozes gritam. Thomas deve ter disparado um dos alarmes do ala de baixo. Os guardas se apressam para ele, suspeitando de uma tentativa de fuga ou talvez de um homicídio.

Essa é a minha deixa.

Eu me levanto e empurro a cama para o lado, então o buraco na parede é revelado: um aperto estreito, mas grande o suficiente para eu caber. Minha corda improvisada está enrolada no chão, pronta para ir, e eu amarro uma extremidade na argola de metal na porta, com o nó mais apertado que eu consigo.

Eu não estou mais pensando. Não estou com medo, também.

Eu lanço a extremidade livre da corda através do buraco, ouvindo-a estalar uma vez no vento. Pela primeira vez desde que eu estive presa, agradeço a Deus que as Criptas são sem janelas, pelo menos deste lado.

Eu vou de cabeça pelo buraco, me contorcendo quando meus ombros encontram resistência. Macias, úmidas chuvas de pedra correm para baixo em meu pescoço. Meu nariz está cheio do cheiro de coisas estragadas.

Adeus, adeus.

O alarme ainda lamenta como em resposta.

Então, meus ombros passam completamente e eu estou de cabeça para baixo sobre uma queda vertiginosa: quarenta e cinco pés pelo menos, para o negro e congelado, imóvel, refletindo a lua. E a corda, como um filamento de água branca girando, que corre verticalmente em direção à liberdade.

Eu faço da corda uma garra. Eu puxo mão sobre mão, deslizando meu corpo, minhas pernas, através do buraco irregular na rocha.

E então eu caio.

Minhas pernas deixam o lado de rocha, e eu balanço um meio círculo selvagem, chutando no ar, gritando. Eu paro com uma sacudida, do lado certo, a corda enrolada em torno de meus pulsos. Estômago na garganta. O alarme ainda soa: estridente, histérico.

Ar, ar, nada mais que ar. Eu estou congelada, inábil para me mover para cima ou para baixo.

Eu tenho uma lembrança súbita de uma limpeza de primavera no anterior ao que eu fui pega, e uma teia de aranha gigante descoberta por trás do espelho de pé no quarto. Dúzias de insetos estavam presos, imóveis, na linha branca, e um tinha acabado de ser pego—ainda estava lutando debilmente para sair.

O alarme para, e o que se segue é um silêncio tão alto quanto um tapa. Eu tenho que me mover. Eu posso ouvir o rugido do rio agora, e o barulho do vento através das folhas. Lentamente eu me movo uma polegada para baixo, envolvendo as pernas ao redor da corda, balançando, nauseada. Há uma pressão sobre minha bexiga, e minhas mãos estão queimando.

Estou com muito medo de ser frio.

Por favor, que a corda aguente.

A trinta metros do rio eu perco meu aperto e caio em queda livre por vários metros antes de conseguir me segurar. A força da minha parada me faz gritar, e eu mordo minha língua. A corda chicoteia no vento.

Mas eu ainda estou a salvo. E a corda aguenta.

Centímetro por centímetro. Parece demorar uma eternidade.

De mão em mão. Eu nem sequer noto que as palmas das minhas mãos estão sangrando até eu ver manchas de vermelho no lençol. Mas eu não sinto dor. Eu estou além da dor agora, entorpecida do medo e da exaustão. Eu sou mais fraca, até, do que eu tinha temido.

Centímetro por centímetro.

E, em seguida, de uma só vez, estou no final da corda, e sete pés abaixo de mim está o congelado Presumpscot, uma superfície enegrecida de troncos podres, rochas negras e gelo. Eu não tenho escolha a não ser cair e rezar por uma boa aterrissagem, para tentar evitar a água e cair em montes de neve branca como um travesseiro, empilhada nas margens.

Eu solto.

antes

Eu mantive minha parte no negócio. Não causei nenhum problema à minha família. Nos meses que antecederam a cerimônia de casamento, eu disse sim quando devia e fiz o que me mandaram.

Mas todo o tempo, amor cresceu dentro de mim como um delicioso segredo.

Foi exatamente assim mais tarde, quando eu estava grávida, primeiro de Rachel, e então de Lena. Mesmo antes dos médicos confirmarem, eu sempre soube. Havia as mudanças normais: o inchaço, seios sensíveis; um olfato afiado, um peso nas minhas articulações.

Mas havia mais que aquilo. Eu sempre pude sentir isso—o crescimento de um alienígena, a expansão de algo lindo e diferente, e inteiramente meu.

Uma constelação particular: uma estrela crescendo dentro da minha barriga.

Se Conrad se lembrou da menina magra e, assustada que ele tinha segurado por um breve momento em uma frígida esquina de Boston, ele não mostrou sinais disso quando nos conhecemos.

Desde o início, ele foi gentil, educado, respeitoso. Ele me escutou e fazia perguntas sobre o que eu pensava, o que eu gostava e o que eu não gostava. Ele me disse uma vez, logo no início, que ele gostava de engenharia, porque ele gostava da mecânica de fazer as coisas funcionarem—estruturas, máquinas, qualquer coisa. Eu sei que ele muitas vezes queria que as pessoas fossem mais facilmente decifradas.

Isso, é claro, era para o que servia a cura: para aplainar as pessoas para o papel, em biomecânica e pontuações.

Um ano antes de Conrad morrer, ele teve um diagnóstico: um tumor do tamanho de um polegar de uma criança estava crescendo em seu cérebro. Foi repentino e totalmente inesperado. Os médicos disseram que foi má sorte.

Eu estava sentada ao lado de sua cama de hospital quando de repente ele se sentou, acordando confuso de um sonho. Enquanto eu tentava pressioná-lo de volta contra os travesseiros, ele olhou para mim com olhos selvagens.

“O que aconteceu com a sua jaqueta de couro?” perguntou.

“Shh,” eu disse, tentando acalmá-lo. “Não há nenhuma jaqueta de couro.”

"Você a estava usando na primeira vez que eu te vi," disse ele, franzindo a testa ligeiramente. Depois ele caiu de repente de volta contra os travesseiros, como se o esforço de falar o tivesse esgotado. E eu me sentei ao seu lado enquanto ele dormia, segurando sua mão, vendo o sol se mover no céu fora da janela e os padrões de luzes mudarem em seu lençol.

E eu senti alegria.

Conrad sempre segurou a minha cabeça—levemente, com as duas mãos—quando nos beijávamos. Ele usava óculos para leitura, e quando ele estava pensando muito sobre algo, ele os limpava. Seu cabelo era liso com exceção de uns poucos cachos por trás de sua orelha esquerda, logo acima de sua cicatriz do procedimento. Algumas destas coisas eu observei logo de cara; as outras eu aprendi muito mais tarde.

Mas, desde o início, eu sabia que, em um mundo onde o destino estava morto, eu estava destinada, para sempre, a amá-lo. Mesmo embora ele não me amasse—ele não pudesse me amar—de volta.

Essa é a coisa mais fácil sobre a queda: Existe apenas uma escolha depois disso.

agora

Conto três segundos de ar. Em seguida, uma explosão de frio e uma força como um punho, tirando o meu fôlego, socando-me para frente. Eu atinjo o fundo, e a dor sobe pelo meu tornozelo, e depois o frio está em todos os lugares, todos de uma vez, destruindo todos os outros pensamentos. Por um minuto, eu não consigo respirar, o ar não consegue entrar, não sei qual caminho é para cima ou para baixo. Apenas frio, em todos os lugares e em todas as direções.

Então o rio me empurra para cima, me cospe, e eu chego ofegante, me debatendo, enquanto o gelo quebra em torno de mim com um barulho como uma dúzia rifles disparando ao mesmo tempo. Estrelas giram acima de mim. Eu consigo chegar até a borda do rio e chapinho nas águas rasas, tremendo tanto que meu cérebro parece estar quicando na minha cabeça, tossindo água. Eu me sento para frente, ponho minha mão em forma de copo na água, e a bebo com os dedos congelados. A água é doce, ligeiramente arenosa com a sujeira, deliciosa.

Eu não senti o vento, realmente o senti, há onze anos.

É mais frio do que eu me lembro.

Eu sei que tenho que me mover. Ao norte do rio. Ao leste da estrada velha.

Eu dou um último olhar para a iminente silhueta.

Além das Criptas, eu sei, está a velha estrada de terra que leva até o ponto de ônibus e, após ele, a lama cinzenta da estrada de serviço, que se estende por todo o caminho da península e, eventualmente, funde-se com a Congress Street. E então: Portland, minha Portland, rodeada por três lados com água, abrigada como uma joia em uma pequena faixa de terra.

Em algum lugar, Lena está dormindo. Rachel, também. Minhas próprias joias, as estrelas que carrego comigo. Eu sei que Rachel foi curada, e está fora de alcance para mim agora. Thomas me disse isso.

Mas Lena. . .

Minha caçula. . .

Eu te amo. Lembre-se.

E algum dia, eu vou te encontrar de novo.

Fim

aviso

Esta tradução foi feita pelo grupo **Shadows Secrets** de forma a propiciar ao leitor o acesso à obra, incentivando-o à aquisição integral da obra literária física ou em formato ebook. Os grupos tem como meta a seleção, tradução e disponibilização apenas de livros sem previsão de publicação no brasil, ausentes qualquer forma de obtenção de lucro, direto ou indireto.

No intuito de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo, sem prévio aviso e quando julgar necessário, poderá cancelar o acesso e retirar o link de download dos livros cuja publicação for veiculada por editoras brasileiras.

O leitor e usuário fica ciente de que o download da presente obra destina-se tão somente ao uso pessoal e privado, e que deverá abster-se da postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social, blog, sites e, bem como abster-se de tornar público ou noticiar o trabalho de tradução do grupo, sem a prévia e expressa autorização do mesmo. O leitor e usuário, ao acessar a obra disponibilizada, também responderá individualmente pela correta e lícita utilização da mesma, eximindo-se os grupos citados no começo de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar da presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.